João Rodrigues Vieira

Viajando no tempo

A história do Brasil de golpe a golpe

1ª Edição

João Pessoa – PB
Edição do autor
2016

Créditos

João Rodrigues Vieira

ISBN: 978-85-921673-0-1

Dedicatória

Ao meu pai fulgêncio Rodrigues da Silva e demais heróis que sofreram perseguição e combateram o Regime da Ditadura Militar de 1964 a 1985

Dedico ainda a todo cidadão que acredita e luta por um país democrático, dizendo não a qualquer tipo de golpe.

Grato

A Deus por me dar a oportunidade de seguir na construção de um ser que almeja e busca incessantemente, conhecimento e sabedoria!

Viajando no tempo

Riacho das Pedras

Na chegada da cidade, Riacho das Pedras avista-se um campo de futebol de várzea, na trave uma placa pendurada. Ao aproximasse, ler-se nitidamente o conteúdo escrito a carvão com uma seta indicando para a direita: cabeleireiro R$: 1,00.



“O preço aí é bem atrativo, considerando que da última vez que estive no salão paguei R$: 300,00.” Pensou André.

Aproximou-se do casebre com uma latada de palha na frente e outra parte coberta com uma lona resolveu chegar e tomar um copo d’água. Levou um susto quando viu um garoto escorando se na forquilha da barraca de

lona e esta desabando em cima dele. Foi aquele corre-corre, mas ficou tudo bem.

Nesse momento André pode perceber na porta entre aberta uma tímida garota se desmanchando em risadas com o episodio.

Passado o susto o garoto continuou suas brincadeiras e um jovem por nome de Edson, explicou para o André que as forquilhas não estavam afincadas no chão por isso desabara.

Edson é um jovem de aproximadamente 22 anos que aprendeu o ofício de cabeleireiro para a família não ter que se deslocar para outra cidade como também, para não têm que desembolsar dinheiro para pagar corte de cabelos dos seus oito irmãos.

Além de duas irmãs entre elas a tímida garota que ria por trás da porta, a Elisângela.

Elisângela é uma jovem, morena de olhos verdes cabelos longos e lisos com aproximadamente 18 anos no início da sua vida profissional de magistério.

Logo André sentiu-se à vontade para conversar com o Edson. E, curioso, quis saber se aquele cabeleireiro ganhava bem cortando cabelos por tão baixo

preço, porque não dizer por um peço irrisório. Assim os dois começam um diálogo como se já fossem antigos conhecidos.

— Não ganho bem porque há semanas que não aparece ninguém e às vezes só corto o cabelo dos meus irmãos. — Respondeu.

— Pelo menos não temos que pagar e o dinheiro que pagávamos em cortes de cabelos já suprem outras necessidades. — Complementou satisfeito.

Em seguida, procurou André, o que eu realmente necessitava um socorro mecânico.

O gentil cabeleireiro indicou que o único mecânico da cidade, também único borracheiro, morava do outro lado da cidade.

André cansado, pois já andava a mais de cinco quilômetros a pé, ficou desanimado sabendo que teria que atravessar a cidade a procura do mecânico.

No entanto, quando deu a volta para o outro lado da casa já avistou a oficina mecânica e borracharia.

Melhor, de um lado da cidade, avista-se o outro e tudo que nela há.

O pior é que este, o mecânico, falou para o André que seu carro estava sem gasolina e na cidade não havia posto de combustível.

O mecânico é um senhor de aproximadamente quarenta anos, negro alto e magro que atende pelo apelido Titico. Outros o chamam pelo nome Francisco Mecânico. O senhor Francisco conta com a ajuda do seu filho um garoto de 16 anos que além de trabalhar com o pai na oficina, estuda e é o melhor jogador de futebol da cidade.

Titico aconselhou André a se hospedar numa pequena pensão que havia na cidade. Claro, que aqui tudo é pequeno. Com uma pequena exceção, segundo uma amiga minha do interior, que dizia: “Na minha cidade tudo é pequeno menos a língua do povo.”

O jovem quis saber por que eu teria desviado da minha rota para chegar aquele fim de mundo.

O pior é que nem o André sabia o motivo de ter deixado a pista e entrado naquela vereda. Ou melhor, ele não percebeu quando deixou a pista e nem sebe onde está, já que os aparelhos digitais com os aplicativos de

localização como também os equipamentos do carro pararam de funcionar.

E ele só se lembra que parou o carro no acostamento num momento de muita chuva, relâmpagos e raios. Em seguida quando a chuva passou percebeu que estava numa estrada esburacada e sem mais nem menos o carro não funcionou...

— Onde você deixou o carro exatamente? — Perguntou o mecânico.

— Na parede do açude. — Respondeu André.

— Ao menos a gente pode nadar um pouco.

Ouvindo isso, André se interessou em voltar com ele porém preferiu ter certeza e perguntou: — Não é proibido entrar no açude?

— Que nada, é o principal divertimento do lugar, tomar banho no açude ou no rio quando está cheio — respondeu.

André não teve dúvida, apesar de um pouco cansado foi com ele, os dois em uma bicicleta.

Foi inesquecível o primeiro dia no lugar, muito diversão, apesar do problema do carro, que o senhor Francisco não soube identificar apesar do mecânico muito

competente, para maior surpresa disse que nunca havia visto um carro como aquele.

Foi tudo muito estranho apesar de o carro não ser um modelo muito comum.

— Não é muito comum que num fim de mundo desses aparecer carro novo. — Fez André este infeliz comentário.

O seu Titico logo retrucou dizendo ser engano, pois o prefeito e o seu filho têm carros novos, porém, modelo muito diferente.

André notou que o mecânico olhava para o carro com certo olhar de espanto, analisando-o minuciosamente. Achou que ele fosse fazer algum comentário, mas, nada ele apenas olhava como se o carro fosse algo de outro mundo.

Depois de olhar bem disse: — amanhã a gente arranja combustível para meu carro e vem rebocar o seu, depois veremos se será possível fazer alguma coisa, com calma, lá na oficina.

Logo começaram a aparecer pessoas para a rotineira natação no açude.

André, enfeitiçado por este pacato e acolhedor lugar nunca imaginou que tudo fosse ficar tranquilo dessa forma como está agora.

Colocaram a capa de proteção cobrindo o carro e foram nadar no açude.

***

Não tem como não observar, aquela menina que só olhava para mim por trás da porta entre aberta, aquele jeito lindo se esborrachando de tanto rir quando a barraca caiu sobre o seu irmão no cabeleireiro, sem ter coragem de falar comigo e nem se quer de mostrar seu corpo, agora, poucas horas depois, nada nestas águas deliciosas do açude e se mostra tão simpática tão descontraída.

Boas-vindas ao novo morador

Naquela noite na pensão da Dona Valdecir, eu tomei a decisão de me estabelecer e formar uma família aqui.

Lembro-me como hoje que ao chegar à pensão comecei a conhecer todos os principais moradores da pequena e pacata cidade de Riacho das pedras, todos curiosos para ver o forasteiro, já que se passam meses sem receber um visitante.

Um dos primeiros a me visitar foi o senhor Ideval, ou popular seu Deval, o vice-prefeito da cidade, um senhor bem experiente digamos de uns 60 anos, um homem alto loiro de cabelos brancos por sinal muito distinto dono de uma voz suave e muito educado, quis saber de onde eu era e o que fazia em Riacho.

Esse era o mistério que eu não sabia explicar e todos queriam saber.

O prefeito senhor Zacarias ou seu Zaca como o chamam por aqui, não apareceu, mas seu filho sim, aquele jovem que me deu a impressão de ser velho

conhecido, o Flávio, um garotão de vinte e cinco anos, moreno, estatura média, bacharel em direito muito gentil e logo me convidou para dar uma volta na cidade.

— Você vai gostar nossa cidade é muito pequenina, mas o nosso povo é acolhedor e as garotas... Você precisa sair e conhecer. — disse ele.

— Tem um barzinho com uma palhoça onde nos encontramos e uns amigos batem violão, todas as garotas da cidade ficam lá. É maravilhoso, e então vamos nessa? — Reforçou o convite

Também apareceu o mais jovem vereador, Sandoval ou simplesmente Val, um garoto de 20 anos filho de um comerciante local, o Senhor Daniel, o Bié como é conhecido.

Depois fiquei sabendo que o Val está sem mandato não me explicaram bem apenas disseram que seu mandato foi cassado.

Sem dúvida aceitei o convite, sai com o Flávio e com o Val, ao chegar lá adivinha quem primeiro eu encontrei? A Elisângela, claro. Sorridente como sempre e ainda mais linda.

Percebi logo na chegada que o Flavio é muito benquisto e que os seus amigos o respeitam muito.

Estávamos te esperando para começar nossa festa disse um jovem um pouco gordinho e bem simpático de aproximadamente 23 anos para quem o Flávio logo me apresentou.

O Gordinho como era carinhosamente apelidado, chamava se Marco Antônio, formado em história e lecionava na única escola da cidade.

Sentamo-nos em volta a uma mesa feita de um enorme tronco de tamboril e o gordinho começou a tocar uma música bem romântica e surpreendentemente a Elisângela veio me tirar para dançar.

Em se tratando de dança o tímido sou eu, fui dançar, mas quase que arrastado.

Mais ou menos uma hora depois, chegou um casal; curioso esse casal parece alguém de minha família. Fui apresentado ao casal.

— Muito prazer Paulo, muito prazer Emília; eu fiquei meio atônito ao pegar as mãos daqueles dois e...

E depois de algum tempo saiu uma voz tremula: — Prazer André.

— O nome do meu filhinho Paulo André. — Disse ela amavelmente.

Eu fiquei por algum tempo olhando para aquele casal com uma vontade inexplicável de abraçá-los...

O Gordinho então trouxe o violão e entregou para o Paulo ele começou a tocar e a Emília começou a cantar e me encantando cada vez mais com aquela voz macia que eu tinha certeza de que já tinha ouvido antes. Mas eu nunca os tinha visto aquilo era cisma minha. Paulo era um senhor jovem cabeludo de uns trinta anos e a Emília também na faixa etária de uns vinte e cinco anos, mais ou menos. Eu apesar do meu jeito moleque era o mais velho da turma.

Depois que os dois chegaram não quis mais dançar e nem me afastar do casal que também olhavam sempre para mim.

Em um momento os dois se afastaram e chamaram o Flávio conversaram e em seguida o casal se despediu e saiu.

O Gordinho volta a tocar.

Depois que o casal saiu, apesar de estar ao lado de uma jovem tão bonita como a Elisangela, tudo ficou sem graça. Tipo assim, acabou a festa.

Depois de muita insistência da Elisângela, eu voltei a dançar e foi então que percebi algo estranho no olhar de um rapaz para a Elisângela, mas, não dei muita importância.

Inevitavelmente naquela noite iniciava se algo entre Elisângela e eu. Porém nada é perfeito, um dos amigos do Gordinho que também tocava violão, lá pelas tantas e meio alto na bebida resolveu bancar o defensor da colega de trabalho e me proibiu dançar com ela.

Afastei-me da garota, porém, quis saber quem é o sujeito.

O Flávio chegou e falou para não me preocupar que se tratava do Josué, um homem legal, professor de geografia apaixonado por Elisângela para quem ela não dava à mínima.

Fiquei calmo, mas, preocupado, pois o Josué é um cara com quem ninguém quer enfrentar uma briga, um homem alto, musculoso, do tipo malhado mesmo. E fiquei

sabendo ainda, que este é dono de uma academia de caratê e mora em frente à pensão onde estou hospedado.

Ao sairmos da palhoça, perguntei ao Flávio sobre o casal, mas ele foi muito vago, apenas disse que eles têm negócios com o seu pai, porém, também não me adiantou mais nada e eu apesar de muito curioso a respeito do casal, respeitei a sua discrição.

Voltei para casa, ou melhor, para a pensão e comecei a pensar no que estava acontecendo comigo, olhei para o celular, para o notebook que também não funcionava, o controle do alarme do carro também não funcionou para variar.

No dia seguinte chamei o Flávio para ver se ele me explicava o que estava acontecendo de repente ele podia entender de aparelhos eletrônicos.

Agora sim, agora foi que veio a grande surpresa. Ao ver meu celular, controle do alarme do carro e notebook, o Flávio se espantou.

— O que são essas geringonças? — Perguntou com muito espanto.